

EMILY (2022), DE FRANCES O’CONNOR

Marcela Santos BRIGIDA*

Em *Emily Brontë* (1978), Winifred Gérin observa que poucos dos livros sobre a vida da autora de *O morro dos ventos uivantes* (1847) podem ser considerados biografias de fato. A pesquisadora explica que a “escassez de evidências diretas relacionadas a ela e ao mistério que se permitiu cercar sua vida, embora aumente seu apelo para escritores, os tentou a produzir narrativas inautênticas e a inventar onde não poderiam registrar.” (GÉRIN, 1978, p. vii). Neste sentido, a declaração de Frances O’Connor, diretora e roteirista de *Emily* (2022), de que seu filme se propõe a ser uma leitura criativa de um momento na vida de Emily Brontë e não necessariamente uma biografia cinematográfica se alinha a uma prática comum. A diretora relatou, ainda, que embora tenha lido diversas biografias relacionadas às irmãs Brontë, ela “não limit[ou] [sua] imaginação” no processo de composição de seu filme (O’CONNOR, 2022).

A proposta de O’Connor em *Emily* é dialogar com “mulheres jovens” (O’CONNOR, 2022). O tema do filme, ela declarou, é: “como você encontra sua voz quando não consegue se ver refletido em nenhum lugar?” e “como você, enquanto artista, se conecta com quem realmente é quando quem você realmente é não é realmente apreciado?” (O’CONNOR, 2022). Delineada a proposta da roteirista e diretora, a questão que nos resta é: tendo a obra, aparentemente de forma intencional se distanciada de tanto do que se sabe a respeito da vida de Emily Brontë e de sua família, *Emily* executada de forma satisfatória a visão de sua autora?

Considerando a escolha do apagamento como ponto de partida, parece incongruente que, dentre tantas figuras literárias (e, ainda, a possibilidade mais corajosa de escrever um enredo com base em personagens inteiramente fictícios), O’Connor tenha escolhido Emily Brontë como sua protagonista. Brontë é um caso raro de escritora cuja reputação se manteve consistentemente alta. A relevância de Brontë foi reconhecida pelo estabelecimento literário mesmo nos anos que se seguiram à publicação de *O morro dos ventos uivantes*. Enquanto a obra de Charlotte Brontë só passou a integrar de fato o “cânone” com a ascensão da crítica feminista na década de 1970, Emily foi uma das únicas três autoras mulheres

* Professora de Literatura Inglesa na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Coordenadora projeto de extensão Literatura Inglesa Brasil. <http://lattes.cnpq.br/8734558519476596> | <https://orcid.org/0000-0002-0951-1603>.

incluídas em *The Great Tradition* (1948) por F. R. Leavis. Se a primeira biografia de Charlotte foi encomendada por seu pai e escrita por uma grande amiga, a de Emily foi fruto de uma apreciação literária. A obra foi escrita por uma de suas admiradoras, a poeta A. M. F. Robinson em 1883. A Era Vitoriana reconheceu o valor de *O morro dos ventos uivantes* e as mais diferentes correntes críticas do século XX fizeram o mesmo.

A vida pessoal da autora tampouco justifica a escolha. A jovem Emily foi uma criança muito querida: o nascimento de Anne em 1820 marcou o início da amizade que evoluiria para uma parceria criativa que se estendeu até a morte de Emily, em 1848. Com a morte da mãe em 1821 e a chegada de uma tia austera, as quatro crianças Brontë se uniram em um processo que Gérin chamou de uma “interdependência” (1978, p. 4), expressa não apenas em seus afetos, mas em suas vidas criativas, incentivadas pelo pai desde muito cedo.

Um acadêmico ostensivamente autodidata e grande defensor da educação básica universal, o reverendo Patrick Brontë era um pai afetuoso, se assoberbado pelas tarefas de sua paróquia, e sempre estimulou os empreendimentos criativos e acadêmicos dos filhos. Diferente do senhor austero e distante do filme de O’Connor, Patrick nutria uma relação próxima com as crianças. Gérin argumenta que não há dúvida que “dentre as influências humanas, a de seu pai foi a mais duradoura [para Emily]” (GÉRIN, 1978, p. 2). Ele foi a inspiração não apenas do amor de Emily pelo mundo natural, mas também da expressão deste por meio da poesia.

Dentre os afetos familiares de Emily Brontë é ainda necessário destacar Tabitha Aykroyd, uma viúva metodista de cinquenta e seis anos contratada para ajudar a cuidar das crianças. Gérin explica que embora todos lhes fossem querido, Aykroyd “parece ter nutrido por Emily um cuidado e carinho especiais” (GÉRIN, 1978, p. 7). Embora Emily tenha sentido o impacto dos eventos mais difíceis de sua infância: a morte da mãe, a austeridade da tia e a perda das irmãs mais velhas, Maria e Elizabeth, por consequência de uma doença contraída na escola que ela própria frequentou, seus talentos literários foram desenvolvidos em um meio familiar marcado pelo carinho, pelo incentivo e pela compreensão.

Se críticas às escolhas de O’Connor quanto ao tratamento dispensado à caracterização da família Brontë no filme devem ser limitadas pela declaração da própria roteirista de que não pretendia pintar um retrato da vida de Emily Brontë, o enredo do filme não se sai muito melhor quando analisado exclusivamente enquanto obra de ficção. Excluídos tanto o interesse quanto o problema do tratamento dispensado às figuras históricas em cena, o que resta é um enredo romântico insípido sustentado por clichês e melodrama. Uma jovem criativa e “excêntrica” não é compreendida pelas irmãs e pelo pai. Uma rivalidade já existente entre ela e a irmã mais velha é acirrada pela chegada de um pároco atraente. A protagonista e o jovem se envolvem. O pároco rompe o romance subitamente. Sofrendo, a protagonista deixa o país sem saber que o amado

mudou de ideia. O pároco adoece e morre. A protagonista descobre a verdade. Inspirada pelos eventos, ela escreve seu grande romance. A obra é um sucesso e ela finalmente conquista a admiração do pai, origem das disputas com a irmã mais velha. A protagonista também morre. A irmã mais velha é inspirada a escrever seu próprio romance.

A declaração de Frances O'Connor de que gostaria que seu filme fosse visto por jovens mulheres e que essa era a história de uma pessoa criativa mal compreendida nos permite concluir que em sua estreia como diretora e roteirista, a artista buscou fazer uma leitura feminista da vida de Emily e trazer frescor ao que sabemos (e ao que não sabemos) a respeito da vida da escritora. No entanto, a diretora parece não perceber que seu enredo submete as realizações femininas ao desejo e à aprovação masculina de maneiras como os próprios eventos históricos não fizeram. Charlotte Brontë é retratada como uma espécie de rival da irmã, disputando tanto o afeto do pai quanto a atenção de um interesse romântico. Anne Brontë, a grande parceira criativa de Emily, nem mesmo é uma escritora publicada no filme.

Emily repete ideias desgastadas a respeito da inspiração por trás de *O morro dos ventos uivantes* sugeridas ao menos desde a publicação de *A vida de Charlotte Brontë* de Elizabeth Gaskell em 1857. Preenchendo as lacunas da vida e da personalidade da autora com aquelas dos protagonistas de seu único romance, O'Connor encena momentos chave de *O morro* com Emily e Branwell como Catherine e Heathcliff. Em um arroubo, Branwell declara à irmã: *You are me* (você sou eu), ecoando a famosa frase *I am Heathcliff* (eu sou Heathcliff) de Catherine Earnshaw. Branwell, extremamente próximo da irmã mais velha na realidade, detesta Charlotte no filme: debochar da irmã é um dos seus passatempos favoritos com Emily. A leitura que a primeira metade do século XX fez de Branwell como uma espécie de herói byrônico também é requeitada por O'Connor: é com ele que Emily aprende a ser uma “rebelde”.

Para o universo de O'Connor funcionar, Emily tem de ser uma espécie de ave rara em meio a pessoas banais. Além de não trazer o frescor buscado pela diretora, o recorte também falha na defesa de O'Connor de um argumento feminista para o filme, já que as pessoas banais que cercam Emily no filme são, principalmente, as suas irmãs: a relação com Charlotte é baseada em rivalidade feminina. Anne existe apenas uma espécie de contraponto para a personalidade vibrante da irmã mais velha.

A falha do filme de Frances O'Connor não é produzir uma obra com base em uma interpretação particular de Emily Brontë, mas não executar satisfatoriamente sua própria proposta. Trata-se de uma oportunidade perdida. O'Connor contava com um bom elenco e uma equipe de produção claramente competente. A fotografia do filme é excelente e as caracterizações são consistentemente satisfatórias. O destaque absoluto vai para Adrian Dunbar, intérprete de Patrick Brontë, que faz um trabalho excelente em meio a um roteiro problemático.

REFERÊNCIAS

GÉRIN, Winifred. *Emily Brontë*. Oxford: Oxford University Press, 1978.

O'CONNOR, Frances; CREMONA, Patrick. Emma Mackey was “terrified” about how Brontë fans might react to Emily. 13 out. 2022. *Radio Times*. Disponível em: <https://www.radiotimes.com/movies/emma-mackey-emily-bronte-fans-terrified-exclusive-newsupdate/>. Acesso em: 11 fev. 2023.